

12. O RAP COMO VOZ POLÍTICA NA ESCOLA

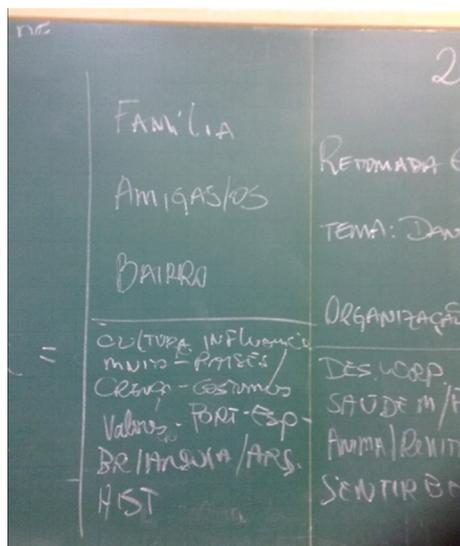
Marcelo Ferreira Lima

Ligando o som

A decisão de tematizar a dança com o 2º ano deu-se a partir da leitura dos documentos que regem o Plano de Curso (PC) do Ensino Técnico Integrado ao Médio (Etim) do curso de Administração (ADM). Fiz uma leitura dos registros do ano anterior em que havíamos estudado o funk.

Como no 1º ano, em 2017, fizemos os registros sobre o reconhecimento de diversas danças, e neste ano, 2018, no 1º semestre decidi que os estudantes conversassem sobre outros exemplos de dança e registrassem suas representações em folhas de caderno.

Solicitei que os grupos se manifestassem para registrar, de uma forma sintética, na lousa para iniciarmos nossas falas. Então, no primeiro mapeamento surgiu:



Primeiros registros
Fonte: Acervo do autor.

Nesse primeiro registro fica destacado que a cultura influencia e muito na questão da prática corporal do dançar. Que países com suas crenças têm impacto direto com a dança. Países como Brasil, Argentina, Angola, Portugal e Espanha também foram citados e o processo histórico de cada um também. Isso, neste momento, indica, temporariamente, que os estudantes têm representações iniciais sobre o dançar. Indica que um sistema complexo de relações influencia tanto para a prática existir como para controlá-la e/ou tentar extingui-la.

Outro registro se desenvolveu na questão dos possíveis impactos que a dança traz para quem a pratica. Neste, surgiram aspectos como desenvolvimento corporal, saúde mental e psicológica, animação, rentabilidade, sentir-se bem fazendo o que gosta e qualidade de vida.

Com os grupos organizados, os estudantes começaram a pensar em um tipo de dança para iniciar a pesquisa. Neste momento, coloquei para a turma escolher uma vivência do dançar que se aproximasse mais com suas realidades para que, depois, ampliássemos e aprofundássemos em uma determinada dança. Então, os grupos se manifestaram inserindo suas decisões sobre a prática: axé, pop, valsa, rap, samba, trap, forró e sertanejo raiz.



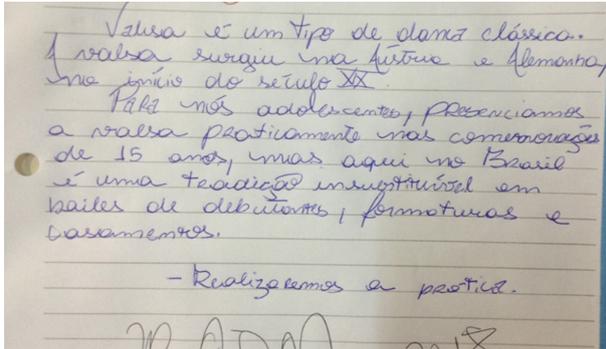
Alguns impactos da prática

Fonte: Acervo do autor.

Com esta tomada, os grupos foram para a pesquisa e se organizaram para as apresentações. Reforcei que o tempo não seria um

fator que limitasse qualquer apresentação. É relevante dizer que esta sala é bem participativa nos debates sobre assuntos contemporâneos.

Abaixo alguns registros sobre o que cada grupo registrou sobre suas representações em relação às práticas corporais da dança.



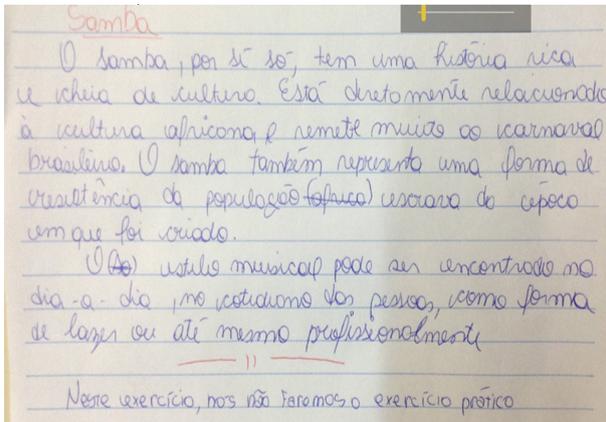
Walsa é um tipo de dança clássica. Ela surgiu na Áustria e Alemanha no início do século XIX. Para nós adolescentes, praticamos a walsa praticamente nas comemorações de 15 anos, mas aqui no Brasil é uma tradição inusitada em bailes de debutantes, formaturas e casamentos.

- Realizemos a prática.

WALSA

Registro do grupo de valsa

Fonte: Acervo do autor.



Samba

O samba, por si só, tem uma história rica e cheia de cultura. Está diretamente relacionado à cultura africana e remete muito ao carnaval brasileiro. O samba também representa uma forma de resistência da população (afro) escrava do espaço em que foi criado.

O estilo musical pode ser encontrado no dia-a-dia, no cotidiano das pessoas, como forma de lazer ou até mesmo profissionalmente.

||

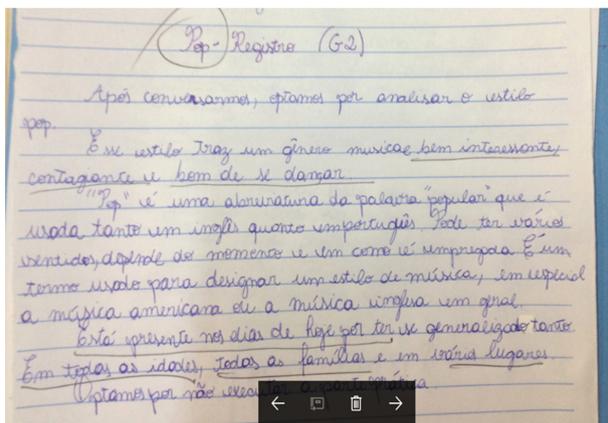
Neste exercício, nós não faremos o exercício prático

Registro do grupo de samba

Fonte: Acervo do autor.

O primeiro grupo se posicionou a favor do samba e registrou em sala que um de seus integrantes dança nos bailes. O segundo grupo registrou a relação com o continente africano e com o Brasil.

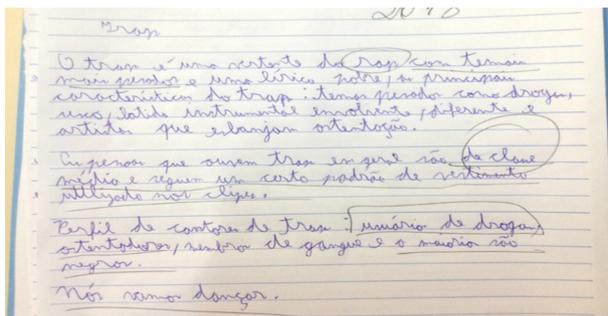
Também se posicionou com a questão política, de resistência e questões como lazer e rendimento profissional.



Registro do grupo do pop

Fonte: Acervo do autor.

Este grupo salientou que o pop é contemporâneo e que está presente em uma boa parte dos momentos familiares e em outros locais com certa facilidade. Também registrou que, além de ser contagiante, é prazeroso de se dançar.



Registro do trap

Fonte: Acervo do autor.

Este grupo trouxe algo que incomodou a sala. O trap, novo estilo do rap e hip-hop, traz, nas letras e nos gestos, relações complexas sobre o uso de drogas, ostentação e questões de etnia.

• Geralmente, os sertanejos é um gênero feito para pensar que estão falando pelo canal;
• Os momentos que são feitos por um casal, que dança junto, como as apresentações apuradas;
• Além disso, este gênero também pode contar uma história;
• O sertanejo também pode dizer uma história contada que se passava na época de antes em tempo;
• Ele também é utilizado em apresentações vocais, pois é um estilo brasileiro, que pode misturar muito além do que a letra diz;
• O sertanejo também é, geralmente, usado para as pessoas que vivem no interior (por conta da letra) enquanto o universitário, por sua origem de por, to do grupo.

Registro do grupo do sertanejo

Fonte: Acervo do autor.

O grupo trouxe a questão da utilização do sentimento para compor as letras e os gestos nas danças. Além disso, em relação ao sentimento, na maioria das vezes, conta uma determinada história de uma ou mais pessoas. Também trouxe a representação de que o sertanejo raiz é mais localizado no interior e o universitário é mais expandido.

2018

Alunas: Ana Clara, Beatriz P., Beatriz R., Daviane, Jéssica, Soraia
DEADM

Acaxi

Principalmente o Acaxi era uma dança ligada ao religioso que decorrendo, porém conforme foi se popularizando passou a ser um elemento cultural, e agora, mas sua maioria ela é voltada ao entretenimento.

Atualmente o Acaxi é mais popular nas regiões do Norte e Nordeste do Brasil, e durante o Carnaval é um dos ritmos mais requisitados, justamente por trazer um ritmo mais animado. Como por exemplo, os forró, os funk eletrônico, e as coreias modernas.

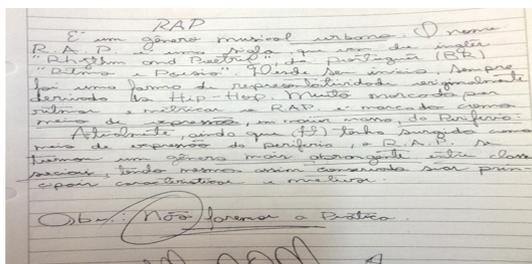
Para facilitar a memorização, o ritmo geralmente traz sempre letra, colada e coreias eletrônicas. Já nas apresentações mais tradicionais das danças, é utilizado sempre músicas, com instrumentos e coreias representando os eventos, trazendo de volta os aspectos religiosos.

→ A parte prática da dança não está feita

Registro do grupo de axé

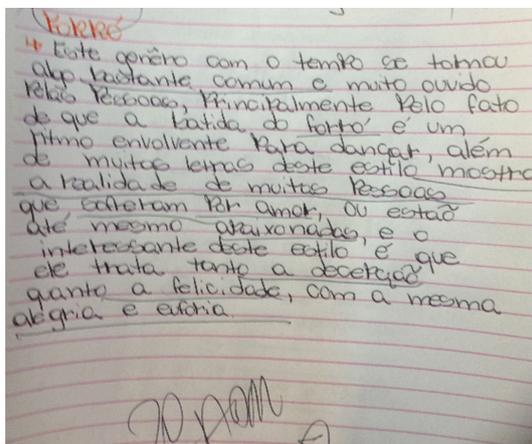
Fonte: Acervo do autor.

O grupo trouxe a representação religiosa e a relação afrodescendente em seu início. Hoje, segundo a opinião dos jovens, está voltada para o entretenimento. Também indicou determinadas localidades onde se pratica a dança. Além disso, registraram acessórios, como as roupas, que são utilizados com mais frequência nesta manifestação.



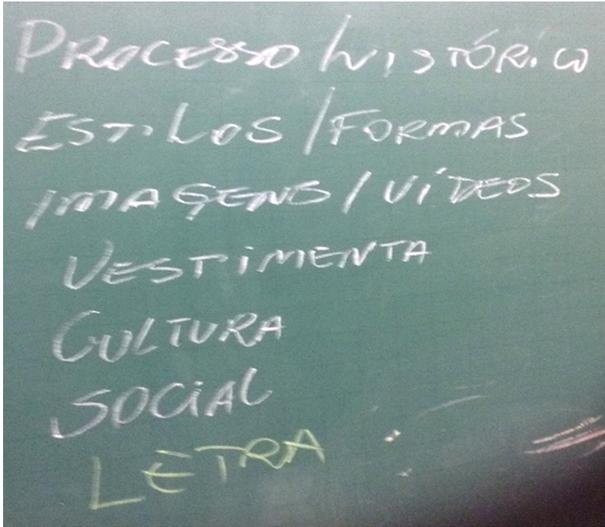
Registro do grupo de rap
 Fonte: Acervo do autor.

O grupo que registrou o rap expôs questões atuais. Como em alguns acima citados, trouxe a localidade. Também citou que a expressão é uma marca forte do rap. Indicou que, em determinada classe social, o rap é mais “tocado”.



Fonte: Acervo do autor.

Sobre o forró, o grupo apresentou uma visão histórica e salientou que o ritmo é muito envolvente. Registrou que algumas letras apresentam certas realidades das pessoas em relação aos sentimentos.



Fonte: Acervo do autor.

Outros passos

Ao fazer a leitura inicial, ficaram claras certas representações. As danças mencionadas no primeiro momento, registradas pelas/os estudantes, indicaram: Sentimentos, resistências, religião, influências familiares, influências locais e certos impactos sobre a prática. Com isso, solicitei aos grupos que, durante a pesquisa para a apresentação, focassem nessas manifestações.

Iniciamos as apresentações na semana seguinte. Como não impus ordem nem tempo, os grupos se organizaram conforme suas preferências. Trouxeram nas pesquisas as questões debatidas e registradas inicialmente. Alguns desses grupos dançaram na sala como forma de demonstração.

Quando o grupo de rap, último grupo, apresentou-se, já no meu mapeamento sobre as representações e apresentações, devidamente registradas, já estava analisando a questão do rap. Assim que a discussão foi para o vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), esta decisão se concretizou.

Neste momento, um estagiário me acompanhava na aula e na apresentação. Conversando após a aula, disse a ele que ia tematizar o rap devido às manifestações em sala de aula. Como ele é da região, perguntei se conhecia algum rapper para vir na escola falar sobre o tema e “bater um papo” com a turma. De prontidão, o estagiário já se manifestou dizendo que fazia parte de um projeto social que tinha o foco em manifestações do rap – hip-hop e skate. Que também conhecia um rapper da região que é vizinho dele.

Logo, ele entrou em contato com o vizinho rapper e organizamos a visita à escola para as vivências e apresentações. Fui à direção para solicitar as devidas autorizações e solicitações.

Cantando, rimando, interpretando

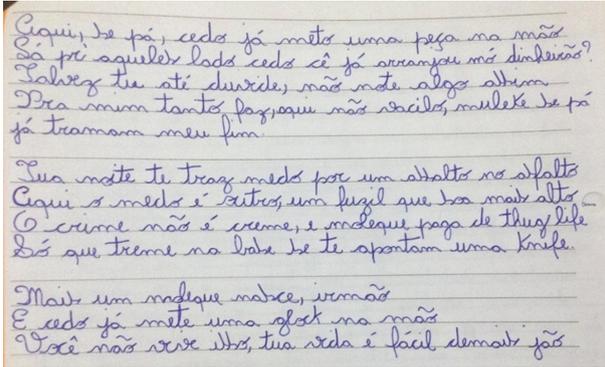
Na aula seguinte, solicitei que as/os estudantes fizessem seus registros sobre o rap e que pensassem e registrassem em três ou mais parágrafos uma rima ou letra sobre alguma situação particular ou de cunho coletivo. Além disso, levei 6 letras de diferentes grupos de rap Racionais MC's. Solicitei a leitura e a possibilidade de interpretação das letras. Após a interpretação, cada grupo produziria uma letra conforme sua leitura de mundo sobre qualquer aspecto.

Referente às letras das músicas do Racionais MC's, a questão da religiosidade foi muito destacada. Um grupo, no seu entendimento, criticou o emprego da religião para justificar certos crimes ou uso de drogas e armas. Outros grupos preferiram ou entenderam que era um resumo das letras.

Teve grupo que entendeu a questão da religião, nas letras, como forma de proteção ao caos social que as periferias enfrentam. Nesta visão, o grupo defendeu seu ponto de vista a partir da ausência do

poder público na região e que a religião talvez seja o único ponto de fuga ou resistência ao peso da desigualdade.

Uma das letras trouxe a questão das divisões de classe como mostra a imagem abaixo:



Fonte: Acervo do autor.

Nela, é possível identificar certa ideia sobre as diferenças das classes sociais existentes. O grupo trouxe a vida de uma forma difícil e sem qualquer perspectiva comparando com quem a crítica e está, de certa forma, confortável.

Outras composições foram pelo caminho religioso. Como os demais, este grupo se posicionou com a crítica à mídia, questões de inclusão e emoção. Também chamou a atenção para uma questão complexa, o racismo. Enquanto o grupo pensava e produzia sua letra, fui chamado para dar sugestão. O grupo apresentou o samba na primeira parte e sustentava a questão dos negros com muita resistência, e questionou a possibilidade de falar sobre. Disse que sim, que todos os grupos poderiam falar sobre seus incômodos nas letras. Que poderia ser sobre qualquer assunto que lhes fosse pertinente. Questionei: quantos negros e negros têm aqui na escola? Quantos professores negros e negros têm na escola? Quantos passam no vestibular? Se são a maioria, onde estão? O que estão fazendo? Por quê? Então o grupo produziu.

Foi possível identificar o que os jovens pensam sobre a presença de certas forças no ambiente escolar. O “passar no vestibular” não significa libertação ou passagem para um outro nível. O recado vai muito além. Denuncia, pela representação, forças que tencionam a todo o momento a diminuição do negra/o nos espaços educacionais.

Após a entrega das letras e das interpretações das músicas do Racionais MC's, o estagiário e seu “parceiro” rapper foram à escola apresentar seu trabalho. Solicitei à sala que conversassem, questionassem o que incomodava nas questões que o rap trazia. Uma situação foi interessante, que eu não mapeei e surgiu em conversas nos corredores, as “batalhas de rap” estavam acontecendo em alguns horários na escola. Neste primeiro momento, apenas alunos estavam se movimentando para tal.

Na batalha, na rima, nas ideias, nos posicionamentos

É importante relatar que a presença do estagiário e de seu parceiro rapper precisou de um planejamento, solicitação da autorização da direção e orientação escolar, justificativa para a palestra e vivência, mapeamento dos locais onde aconteceriam a palestra e as vivências, bem como a duração.

Iniciamos com as apresentações. O estagiário, que é profissional da prática de skate e surf, trouxe na apresentação a preocupação com as “resistências” desta prática, fazendo referência com o rap. Trouxe informações relevantes sobre o processo histórico e sua vida de skatista e surfista.



Fonte: Acervo do autor.

Num determinado momento da apresentação, o profissional apresentou determinadas formas de preconceito sobre o praticante de skate e a luta por visibilidade nos espaços. Contou sobre o processo histórico de um determinado contexto em que a então prefeita Luiza Erundina foi determinante para a ampliação e visibilidade/legalidade da prática em questão.

Também apresentou sobre um determinado processo político no Brasil. Neste contexto, trouxe um momento que o país vivia bem complexo e que afetou a prática do skate.

Alguns estudantes questionaram sobre valores, locais de prática e estilo. O palestrante respondeu às curiosidades e também o “susto” sobre as proibições da prática. Depois disso, o rapper iniciou sua apresentação. É importante dizer que eu havia solicitado que explorasse sua vivência. Isso se deu pelo fato de que os grupos já tinham pesquisado e apresentado o processo histórico e tipos de rap.

Então, reorganizamos as falas e o tempo de cada um para não “perder” aquele momento. Ainda não sabia se eles poderiam retornar à escola para futuras apresentações. Além disso, com o mapeamento interno perto das entregas de menções e diversas apresentações da escola, ficaria difícil uma nova visita nas semanas seguintes ou em outros dias e horários.

Identificado como Ale, que é rapper, MC e poeta, ele iniciou sua palestra com um pequeno resumo do rap e relação com o hip-hop. Falou sobre a militância dele e os locais que ele faz suas batalhas de rap e hip-hop. Disse que o rap e hip-hop vieram para dar voz, identidade e autoestima para o povo. Falou do negro em locais de destaque e poucos negros nesse espaço.

Disse também que o rap ensina a se posicionar, a falar com as pessoas, e seu raciocínio, pelas batalhas, fica bem mais rápido. “*Quem improvisa sabe lidar com qualquer situação*”. Em seguida, mostrou a página na rede social (Facebook). Também registrou que o grupo fez a primeira batalha feminina da zona leste. “*O rap hoje é inclusão, o rap está salvando vidas*”. “*Para você ser um bom MC, tem que ler muito, tem que estudar muito*”. “*Rap é conhecimento. Quanto mais você lê, mais argumento você vai ter*”. Falou também de uma praça sobre um espaço da Sabesp na zona leste, Parque Zilda Arns, Av. Sapopemba esquina com Juiz de Fora, na Vila Ema, onde há espaço para as batalhas e composições.

Disse que o espaço estava abandonado e que o grupo foi, ocupou -o e fazem, todas as sextas, poesias e batalhas. Convidou quem estivesse interessado a comparecer, praticar e somar. Tem sarau e biblioteca que pode ser utilizada, além disso, eles recebem doações e trocas, chamadas de “Geladeira Teca”, que é uma geladeira que guardam os livros.

Depois disso, fez uma poesia de crítica política fazendo rima com o Hino Nacional, “Poesia da Intolerância”. Reforçou a militância para um país mais justo e dos projetos que acontecem na zona leste.

Convidou as/os alunas/os a produzirem naquele momento suas batalhas. A sala indicou algumas pessoas. Seis meninos, depois de certa insistência da sala, foram ao palco e se organizaram para as batalhas. O MC disse que a batalha seria produzida a partir de temas que a própria sala indicasse e que ganhava aquele que conseguisse mais aplausos, mas que aquilo não era uma competição para saber quem era melhor ou pior, e sim amplificação do conhecimento.

Como os meninos que sempre estavam nas batalhas nos horários da escola mostraram certa timidez, o skatista subiu ao palco para batalhar com o MC. Então, os temas foram surgindo das/os alunas/os.

Mas, antes disso, o MC e o skatista profissional distribuíram jornais com recortes de um assassinato de um jovem. Era um skatista que também fazia parte do grupo social. Dois alunos que moram na região e conheciam a história também comentaram sobre isso.

O MC relatou outra ação, o preconceito das pessoas, principalmente dos/as amigos/as e da família. Disse que foi difícil, e ainda é, a família aceitar que ele é cantor, poeta e MC. Também reforçou que apesar do rap ser contra o preconceito, acaba agindo de forma contraditória, ou seja, marca território na disputa pelo poder e limita quem pode e quem não pode ser do rap. Um aluno citou um filme do rapper Eminem e outros.

O MC disse também sobre valores para gravação. “*O MC para gravar um som é muito caro mano, vai gastar mais ou menos 600 a 700 reais, e um moleque de 15 anos da periferia não tem isso*”. Falou que os MCs começam com vídeos caseiros e também nas participações dos eventos de batalha. Quando iniciam, pegam “*as bases do YouTube mesmo e mandam o no vocal*”. Por isso eles fazem esses eventos para dar oportunidade aos jovens de periferia que não têm oportunidades.

Relatou sobre o grafite a partir de um questionamento de uma aluna; sobre o processo histórico nos EUA, mas também disse que qualquer formato de manifestação, como a pichação, é considerado grafite/arte por conta da sua forma de expressão. “*As crianças, quando riscam as paredes, estão fazendo grafite*”. Falou dos três tipos de desenho e escrita. O “bomb”, com letras redondas, o wildstyle, que é difícil de entender, só vai entender porque ao final do grafite fica registrado o que está escrito, e o extenso, que é bem realista. Falou de grafiteiros como os *Gêmeos e o Kobra* que ganham até R\$ 300.000,00 pela arte, e que alguns alunos conhecem. Também relatou certa violência institucional para quem faz o grafite.

O MC explicou que existem pessoas que não têm facilidade de se expressar falando, mas com o desenho/grafite podem expor determinadas manifestações, desejos ou críticas.

Sobre uma questão de um aluno, em relação como é feita a dança no rap, o MC se posicionou falando que é bem difícil no rap

a questão da dança, mas há batalhas de dança, como *breaking*. Também explicou sobre a organização mundial Zulu de hip-hop e de alguns ícones brasileiros, como Nelson Triunfo, MV Bill e Thaíde e DJ Um. Fez uma relação com uma rede de TV que era resistente ao funk, mas agora não para de passar em suas programações.



Fonte: Acervo do autor.

Ainda sobre a dança, falou do “*boom bap*”, com batidas mais leves; da trap (que já tinha sido trabalhado em sala de aula) “*que não tem uma pegada de manifestação, é mais um som de lazer do que manifestar*”.

Que comecem as batalhas

Ao convidarem os alunos e alunas, um grupo se manifestou e subiu. Organizaram o espaço e o primeiro tema veio, feminismo, em seguida a questão do uso de drogas. Este momento foi bem marcante para os estudantes, tanto para quem participou da batalha quanto para quem assistiu. O MC também alertou os estudantes sobre um projeto da Prefeitura de São Paulo chamado Vai (<http://bit.ly/2OVeGyT>) e incentivou os estudantes a acessarem para futuros projetos de cultura.

Em síntese

Longe de ter tido um fim, as possibilidades foram relevantes para o processo formativo da turma. No que diz respeito aos princípios, pode-se ter a noção da amplificação das vozes e das representações diversas dos estudantes em relação ao rap. Extrapolou-se, sem desconsiderar outros aspectos, visões que, de certa forma, transmitem representações limitadoras sobre a vivência da dança. Pode-se ter outras lentes para a prática do rap e seus autores. Com isso, o posicionamento político, tanto dos estudantes quanto dos palestrantes, merece destaque devido ao posicionamento contrário à injustiça social, tanto nos registros em sala de aula quanto nas apresentações.

Tais possibilidades foram concebidas por diversas oportunidades: a leitura atenta dos documentos da escola, que possibilitam os trabalhos; uma visão ou contato com pessoas da comunidade que possam auxiliar no processo educacional; a pesquisa, tanto na escola quanto fora; as vivências e vozes dos estudantes em relação à prática tematizada; as problematizações sobre processos de acesso e permanência dos grupos minoritários nas instituições de ensino e a amplificação e profundidade que foram os debates e apresentações diversas.

Outra questão foi o registro. Esta ação possibilitou todo o processo e possibilitará tantos outros. Por este, foi possível identificar as mais diversas possibilidades de problematização; também foi possível todo o processo de ida dos palestrantes e as problemáticas abordadas; pode-se ampliar o universo do Outro como pessoa e, assim, reconhecê-los como produtores de conhecimento. Como dito, longe de um fim, a tarefa está apenas começando e terá outros caminhos pela frente para aulas mais justas a todos.